

MARUJADA EM FREGUESIA DO ANDIRÁ: processos de resistência de uma cultura festeira, Barreirinha/AM.¹

Patrício William Souza Dos Santos²

João Marinho Da Rocha³

Resumo: Neste artigo são discutidos pontos relevantes que levaram a marujada da Freguesia do Andirá/Barreirinha-AM a resistir às imposições da igreja, com a criação da “Associação dos Marujos⁴ de Freguesia do Andirá AMFA”. Abordando a partir das narrativas de participantes da marujada como iniciou a festa da marujada e os conflitos que levaram a tais transformações. Evidenciando pelo viés das narrativas dos sujeitos as práticas constituintes de heranças da cultura negra, indígena e do europeu, encontradas na marujada da Freguesia. Nesta pesquisa o método da história oral torna-se primordial, assim como as análises de fontes documentais para a realização deste trabalho. Ressaltando também os impasses postos com o projeto de romanização, que levaram essa cultura que atravessa séculos a formalizar-se. Mostrar as persistências dos sujeitos em manter seus costumes e modos na marujada da Freguesia, sendo fundamentais para manter viva a identidade individual e social daquele grupo.

Palavras-Chave: Memória, “festa da marujada”, resistências.

Summary: This article discusses relevant points that led to the marujada of the parish of Andirá / Barreirinha-AM to resist the impositions of the church, with the creation of the "Association of Parish Mariners of Andirá AMFA." Approaching from the narratives of participants of the marujada as it began the feast of the marujada and the conflicts that led to such transformations. Evidencing by the bias of the narratives of the subjects the constituent practices of black, indigenous and European heritage inheritance, found in the marujada of the Parish. In this research the method of oral history becomes paramount, as well as the analyzes of documentary sources for the accomplishment of this work. Highlighting the impasses placed with the Romanization project, which led to this culture that goes through centuries to formalize itself. Show the persistence of the subjects in maintaining their customs and manners in the marujada of the Parish. Practices that are fundamental to keep alive the individual and social identity of that group.

Key words: Memory, "feast of the marujada", resistances.

INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa sobre criação da Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá (AMFA), - Galvão (1976) denomina as “freguesias” como pontos próximos das sedes e municípios, situadas nas margens dos rios e igarapés como também como ponto de comércio ou barracão do seringalista - surgiu a partir das curiosidades obtidas através das conversas realizadas com meu avô Paulo Pereira com relação a festa da marujada, principalmente com a participação dos meus bisavós Lauro

¹Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP.

²Acadêmico do curso de História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP.

³Professor Assistente do Curso de História. Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. PPGSCA/UFAM.

⁴Sujeito brincante da festa da marujada em homenagem a São Benedito da Freguesia do Andirá – Barreirinha/Am.

Maia Ferreira Gomes e Maria Vieira Gomes (hoje já falecidos) cujo o papel do Sr. Lauro Maia na marujada foi de contramestre, sendo que da Sr^a Maria Vieira era de irmandade, papéis relevantes na marujada. Uma vez que ele, entre os poucos sabia as letras das canções, inclusive das ladainhas, isso por serem em latim.

O contato na academia com textos relacionados às Homenagens ao santo São Benedito, possibilitou uma nova leitura acerca da cultura manifestada pela marujada da Freguesia. Como o capítulo “São Benedito da praça 14” de Jamyli, do livro “O Fim do Silêncio” de Sampaio (2011), que relata a vinda da imagem para Manaus e como a festa se realiza, foi então o estopim para que realizasse a pesquisa sobre o tema proposto.

Ao nos deslocar para os locais da pesquisa, devido alguns entrevistados não residirem no mesmo local, a impressão que tivemos foi de que poderíamos realizar a pesquisa com múltiplas perspectivas, haja vista, os sujeitos selecionados a compor a pesquisa conhecerem a trajetória da festa da marujada da Freguesia. O segredo para nos enriquecermos de conhecimento estaria no ato de ouvir. Atentamos para ouvi-los, e deparamos com os mais diversos conhecedores daquele local, e principalmente da festa da marujada da Freguesia, afirmando que não precisa morar no mesmo local para conhecer suas histórias. No decorrer das entrevistas, percebemos então a forma de resistência que houve por parte dos “marujos” para que a então festa não acabasse, pois, esse movimento justifica a identidade individual e local da comunidade.

Esta pesquisa situa-se no âmbito da história social da cultura. Dessa forma, dialogaremos com autores que discutam tal abordagem como FENELON (1993), CASTRO (1994), BARROS (2005). O tema da resistência dos grupos sociais se insere num contexto onde FENELON (1993, p. 04) ressalta que “as investigações sobre grupos jovens, sua música e suas práticas, a música popular, as festas comunitárias, a cultura popular enfim, constituem objetos legitimados pela História Social”. Para esta mesma autora a história social ocupa-se especialmente nos últimos anos, daquilo que ela denomina de “temas malditos”, como parece nos ser insistências de sujeito sociais de Freguesia em continuar a festejar São Benedito.

Para compreender os encontros e embates de memórias por conta das diversas narrativas, foi necessário fazer as leituras teóricas mais aprofundadas em relação a outros autores, para assim analisar aquilo que se pensa o/a como identidade cultural de Freguesia pelo viés das memórias dos moradores, em especial dos marujos, e perceber as mudanças ocorridas durante esse processo de recepção de quem residia naquele local, a fim de perceber os contextos e impasses que geraram tais transformações.

Ao verificar atentamente as origens da festa dos marujos, é perceptível o quanto a festa é remota do séc. XIX, e a presença do profano e o sagrado permutam durante os dias festivos. Sempre problematizando aquela organização festiva feita pelas narrativas, onde homens, mulheres, crianças, pessoas de religiões e denominação diferentes encontram-se em um local festivo, que a festa dos marujos se transforma, naquele período, em um palco de encontro de culturas que historicamente configura-se no Rio Andirá.

Para definir esse encontro e tê-lo como espaço simbólico de expressões de identidades, Delgado (2003, p. 13) ressalta que “valores, culturas, modos de vida, representações, enfim um gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas.” O que em qualquer manifestação social cultural estão presentes memórias e temporalidades diversas que farão parte de uma construção da historiografia local, seja ela construída de forma coletiva ou individual.

A partir das memórias dos cinco sujeitos entrevistados para compor esta pesquisa estão a Sr^a. Maria Batalha, 60 anos, vindo com seu marido Domingos Prisco – com quem viveu cerca de 20 anos –, da comunidade de Aduacá para Freguesia do Andirá, onde seu marido nasceu, Sr. Paulo Pereira de Souza, 75 anos, residente da Freguesia do Andirá, primeiro presidente da AMFA, Sr. Rozildo Ferreira da Silva, 64 anos, desde seus 17 anos brinca na marujada da Freguesia, atuando como capitão há 06 anos, Sr. Manoel Euclides Reis, 73 anos, morador da comunidade Ipiranga⁵, desde seus 18 anos brinca na marujada da Freguesia, Sr. José Raimundo Salgado, 75 anos, também residente da Vila Ipiranga, brincante da marujada desde seus 12 anos. Usando o método da história oral e discutindo com outros autores abordos na sessão seguinte, percebemos o processo de resistência de suas práticas da marujada da Freguesia frente às imposições da igreja no projeto de romanização, também como se realiza abordado na segunda sessão. Em análise abordamos as ligações, com relação a suas práticas, como outras festas/regiões do país, a partir das memórias dos sujeitos que viveram um período em que apenas eram realizadas por si próprios abordados na terceira sessão.

MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: caminhos possíveis para o conhecimento da festa no Andirá.

⁵Conhecida como Lago Grande

A memória fez-se primordial nesse trabalho como pesquisador, pois a partir da metodologia da história oral, identificamos traçados que levaram a definir e assim compreendermos a cultura manifestada socialmente pela “prática cultural” na marujada da Freguesia, nos costumes, modos e a forma que se expressam, na qual o encontro das culturas indígena, negra e branca faz-se presente nesta manifestação cultural. Assim define Barros (2005, p. 07 - 08):

São **práticas culturais** não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens **falam e se calam, comem e bebem**, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. *[grifos nossos]*

Encontro de visões e representações acerca da festa se faz importante para o historiador por conta do fenômeno da constituição da memória. Ali na Freguesia do Andirá, por ocasião da festa dos marujos em Homenagem a São Benedito, podemos perceber nas suas narrativas como e o que armazena. São informações que podem definir tais enigmas de uma tradição vivida ao longo de mais de um século, interrompida e reconstituída. Segundo Pollack (1992, p. 201):

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, **são os acontecimentos vividos pessoalmente**. Em segundo lugar, **são acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela"**, ou seja, acontecimentos vividos **pelo grupo ou pela coletividade** à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem **sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não**. Se formos mais longe, a **esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo**. *[grifos nossos]*

Para que o sujeito possa se projetar ao passado, precisamos buscar elementos que façam parte desses processos de construção da memória, pois ela também pode ser herdada através da ligação que o sujeito faz entre o tempo e o espaço que está inserido permitindo-o compreender as modificações daquele local. Contudo, Delgado (2003, p. 04) ressalta que “tempo, memória, espaço e história caminham juntos”. Nesta pesquisa se fez primordial trabalhar com esses conceitos, cujas essências permitiram entender as transformações presentes nas lembranças atreladas às vivências dos sujeitos moradores do Distrito de Freguesia do Andirá. Os conhecimentos desses sujeitos são repassados de geração a geração através da oralidade. Assim sendo, a história oral nos permitiu

conhecer de outro modo a história de um determinado grupo local que se articulam e reinventam a festa para São Benedito, conhecido como a marujada da Freguesia. Sobre esta metodologia, Portelli (2010, p. 03) problematiza:

Por que buscamos fontes orais? Por que trabalhamos com elas? Não só porque as pessoas que entrevistamos possuem **informações** de que precisamos, que nos interessam. É mais que isso. É porque há uma relação profunda, **uma relação muito intensa, entre a oralidade e a democracia**. [...] há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, **a oralidade, é um meio de comunicação que todos os seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam**. Então, quando buscamos fontes orais, as buscamos em primeiro lugar porque **na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos marginalizados, na mídia e no discurso público**. Buscamos fontes orais **porque queremos que essas vozes** – que, sim, existem, porém ninguém as escutas, ou poucos escutam – tenham acesso à esfera pública, e o modifiquem radicalmente. *[grifos nossos]*

Vale salientar, que além de encontramos na oralidade uma forma de comunicação para com cada sujeito, a memória também é um suporte para compreender os sentidos de identidade de determinado grupo que se manifesta como a marujada da Freguesia. Ainda Segundo Portelli (1997, p. 33):

Mas o que realmente importa é não ser a **memória** apenas um depositário passivo de fatos, mas também **um processo ativo de criação de significações**. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam e **esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às vidas, e colocar a narração em seu contexto histórico**. *[grifos nossos]*

Nesse processo de ressignificações “forjada pela memória” é válido salientar o esforço que o sujeito faz em estruturar e organizar sua memória para nos contar sobre determinado acontecimento vivido no passado. Nesse contexto os membros da “AMFA” mostram-se ancorados no passado para preservar suas práticas que perduram até os dias atuais onde repassam seus conhecimentos pela tradição oral.

MARUJADA I. Olhares da AMFA⁶

Dos anos 2000 em diante o cenário de silenciamento e “apagamento” da festa em seu sentido amplo da cultura e do catolicismo, perante os projetos de romanização ressaltando na Amazônia, as Homenagens a São Benedito passaram a denominar-se

⁶Associação dos Marujos de Freguesia Do Andirá

feita da “Associação dos Marujos da Freguesia do Andirá (AMFA)” figuras como das rainhas, marujos (a), foliões e instrumentos como gambá, tamborinho, caracaxá, e outros que serão abordados no decorrer do texto, tornam indispensáveis para realizar suas práticas, realizando-se anualmente, exatamente na semana do natal há quase uma década e meia. Entretanto, a festa do São Benedito já acontece segundos relatos desde meados do século XIX, conforme veremos na sessão seguinte. Mas o que essas duas festas sociais, para homenagear São Benedito têm em comum? Digamos que é a mesma festa, “resistida”, com as mesmas figuras, mas com muitas transformações a fim de dialogar com os novos cenários do séc. XXI.

Nesse contexto, identificamos as transformações através da memória do Sr. Manoel Euclides Reis, quando ressalta que *“o que ficou dessa tradição que **há muitos anos vem**, não é pra se acabar. Agora com o parente [presidente da associação] nessa diretoria o que **já mudou? Muita coisa**, como uma sede grande, só teve um barracãozinho.”*⁷[grifos nossos]. Sobre essa mesma questão o Sr. Paulo Pereira de Souza, 75 anos, residente da Freguesia do Andirá, primeiro presidente da AMFA, em entrevista realizada no ano de 2017. Discorre o seguinte:

Ela [igreja] nunca teve uma ligação até por causa disso aí que houve aquela história de que o padre queria acabar com a festa dos marujos porque ela **num tinha uma ligação entre festa dos marujos com a paróquia**. Então foi o que levou pra criar a associação devido à separação entre o marujo e a paróquia. Até porque na época [anterior o ano de 2000] existia o **donativo pelas comunidades**. Eu achava que a festa **dava mais rendimento**. Depois que começou a pedir ajuda de prefeito. Eu acho que até por isso foi que a festa **caiu**, porque pra fazer a festa **tem que depender do prefeito, implorar**, implorar o vereador, implorar o governador né! Antes **nós éramos independentes e a festa saía muito bem**, melhor organizada com mais movimento, com mais recursos.⁸[grifos nossos]

Nos relatos anteriores percebemos então as transformações ocorridas com a criação da “Associação dos Marujos da Freguesia do Andirá”. Isso ocorrera por conta de suas práticas serem consideradas pela igreja como profanas. Entretanto, antes sem imposições nenhuma a manifestação da festa dos Marujos em Homenagem a São Benedito decorria sem envolvimento da Igreja ou do Estado. A inserção da igreja não só fica no catolicismo popular⁹, como também na tentativa de transferência da festa para outra data, de 26 de dezembro para 05 de outubro. Essa sugestão de transferência da

⁷MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-AM

⁸PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am

⁹VerCampos, s/d p. 111

festa do mês de dezembro para o mês de outubro gerou muitas discussões e desconfianças por parte dos marujos em torno disso. Fazendo com que os mesmos tomassem atitudes relevantes para que aquela tradição não acabasse, como resistência a essas imposições criou-se então, a “Associação dos Marujos da Freguesia do Andirá AMFA”. Conforme se verifica nos relatos do Sr. Paulo Pereira de Souza:

Quando eu entrei na presidência **houve uma história de acabar a festa dos marujos** [...] fui **conversar com advogado Bosco Cardoso**, e pedir conhecimento dele. **O que eu poderia fazer pra que num acabasse essa festa?** Ele me respondeu: - a festa dos marujos - que ainda não era associação - tem algum documento pra provar que realmente é uma festa tradicional? [...] por que a diocese pode acabar a paróquia pode acabar, o prefeito pode acabar, o juiz pode acabar **porque não tem nada de documento** pra provar que realmente é uma tradição. Vim, a reunião falei pra eles e realmente nós **criamos um estatuto pra dá esse direito pra que a festa num acabasse.**¹⁰*[grifos nossos]*

No relato anterior, o sujeito procura informações para esclarecer acerca de seus direitos, para assim se ter estratégias formais e legais de resistências frente às imposições da Igreja Romana que almejaria sufocar o catolicismo popular, presente há mais de um século nas homenagens ao Santo preto em Freguesia do Andirá. Também se evidencia o trajeto que se sucedeu ao surgimento da AMFA. Ao relacionarmos os relatos com o histórico da festa, percebemos que o estatuto criado pelos marujos foi uma resistência para que a festa legalmente continuasse a existir. Conforme o histórico da festa, produzido nesse cenário de lutas e resistências:

No dia 10 de janeiro do ano de 2000, em reunião Assembleia Geral realizada na sede Distrital, com a presença do então Bispo Diocesano de Parintins, Dom Giuliano Frigenni e do Pároco de Barreirinha Padre Pedro Belcredi, ambos da igreja católica, foi feito a transição da data da festa: do dia 26 de dezembro, para o dia 05 de outubro do ano de 2000. A transição da data da festa, não foi aceita pela maioria da população local. [...] as pessoas que não aderiram à mudança da festa, continuaram a festejar a festa de São Benedito com a sua Marujada dia 26 de dezembro, essa situação, gerou polêmica no Distrito e até mesmo na igreja católica com a intervenção do Padre, que proibiu a realização da festa deduzindo que a festa era apenas uma festa de bêbados, baderneiros e que estava se cometendo atos profanos e até mesmo atos de heresia, pelas atitudes contra a igreja católica. [...] no ano de 2003, populares se reuniram em Assembléia, e criaram a ASSOCIAÇÃO DOS MARUJOS DO DISTRITO DE FREGUESIA DO ANDIRÁ, “AMFA”, uma entidade particular sem fins lucrativos com ESTATUTO PRÓPRIO e CNPJ de N 10.748.562.0001/87, diretoria própria com um período de quatro anos do mandato, teve como primeiro Presidente o Senhor “Paulo Pereira”.¹¹

¹⁰PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

¹¹Hist. Dep. Na AMFA.

É relevante ressaltar a partir do histórico da festa percebe-se os fatos como “festa de bêbados” “baderneiros” que levaram a igreja a impor seu projeto de romanização, porém resistida pela marujada de Freguesia do Andirá. E com o hibridismo as culturas indígenas, dos negros mesclam-se e resistem a imposições brancas e em outras ocasiões se juntam como a festa da Marujada em Freguesia do Andirá. Onde suas manifestações foram consideradas profanas pela visão do colonizador e também dos seus operadores do sec. XX e XXI como alguns missionários do PIME. Resistindo às imposições formais romana, os sujeitos da marujada propagaram em sua história, uma história construída vista por eles próprios. Conforme Campos (s/d, p. 117):

[...] tantos os mais humildes quanto os mais conscientes resguardam sérias **indagações às práticas missionárias desarticuladas do seu ambiente circundante**. Evidencia-se neles uma **forma de resistência** manifestada nas lendas, crenças e mitos dos encantados, os quais **fogem à lógica hierarquizada, padronizada, legalista, canonista e opressora dos brancos e colonizadores**.*[grifos nossos]*

É perceptível que o ato de resistir não se encontra somente nos documentos escritos. Mas passam por formas escritas e formais no sentido de instrumentalizar-se para a luta e principalmente nas existências insistentes da marujada e suas falas quanto as imposições das transformações postas por um novo momento. Nesse sentido se identificar como irmandade era proeminente e uma tática que possibilitava continuidades. Podemos notar essa resistência da irmandade através dos relatos da Sr.^a Maria Batalha:

eu andava com São Benedito, **eu era irmandade, hoje sou sócia da associação**, eu trabalhava muito fazia comida, andava com os marujos pra baixo, pra cima, pra Barreirinha, era e sou, num sou espalhada ainda, tenho minhas fardas.(...) A data da festa queriam mudar. **Não, de dezembro é dezembro mesmo, nunca há de ser mudado**, olha da Nossa Senhora de Belém mudaram. Dá gente de tudo lado, é motor, é balsa encostada nos motores pra fazer a procissão vem os cordões das fitas, das irmandades, dos promesseiros.¹²

É relevante ressaltar que o “desaparecimento” formal da irmandade chegaria dando lugar a sócio. Após a irmandade do São Benedito se tornar AMFA, a presença da igreja se torna mais evidente com as missas celebradas pelos próprios padres, pois

¹²MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

anteriormente era celebrada somente pelas Irmandades. Segundo relatos do Sr. Paulo Pereira diz que:

dia 16 começa, e desde o início foi celebrado pelos marujos, já na minha gestão como presidente eu e o Chicotinho [*apelido do vice-presidente*], os padres vinham fazer a celebração da missa dia 26 eles vinham, depois que nós saímos eles num vieram mais. Até porque nós íamos e conversava. As vezes ele dizia: - olha eu num vou poder participar dia 25 porque é o natal tenho que tá na paróquia, mas dia 26 vou pra lá celebrar a missa da festa da associação em homenagem ao São Benedito. E vinham.¹³

Percebemos nos relatos acima que a festa passou por muitas transformações, inclusive quanto à presença da igreja, mas isso ocorrera a partir da formalização da festa. Vale ressaltar que mesmo com a formalização da festa, certas práticas perduram na marujada da Freguesia como a programação religiosa realizada pela associação. Haja vista, atualmente com a formalização a festa passa a ser uma “tradição inventada”. Conforme sugere Hobsbawm (1984, p. 9):

O termo “tradição inventada” é **utilizado num sentido amplo**, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez.

A partir das análises dos relatos e documentos da associação, percebemos que mesmo com a formalização da festa, os marujos ainda persistem em repetir seus costumes, nos modos, nas danças, nas cantorias. Adaptando-o numa nova tradição inventada como forma de resistência para uma tradição que atravessa séculos e nesse contexto recente incorpora outras manifestações culturais como pastorinhas, lundu e a “onça te pega”. Conforme se verifica no relato da Sr.^a Maria Batalha:

[...] as pastorinha ela brincam, eles fazem conta com os marujos lá na frente da igreja de lá eles venho pro barracão. [...] onça te pega até hoje, é bem difícil de acharem, [...] quem dança lundu nessa Freguesia, tem o Rozildo, e a Dica também [...] a dança de gambá é ligeiro, de cansar a perna. Tem quem canta em cima do gambá, tem quem é do gajado, do caracaxá. E cantam essa (canta) “*embarca, embarca, embarca marinheiro*”, enquanto as irmandades dançam, os marujos também. O Rozildo ano retrasado fez um gambá bonito, o tamborinho, que ainda é do sogro dele ainda do finado Benicio. Ele é capitão e o Carafeta com o Pélé são contramestra, o Pélé! Quando marujo sai

¹³PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

com par para dançar, rezam primeiro, escutam lá o capitão, depois vão lá com o contramestre.¹⁴ [*grifos nossos*]

Na festa da Marujada da Freguesia, percebemos pelo viés das memórias e pesquisa documental, um dos eventos de raiz africana, indígena e europeia que se perpetua até os dias de hoje no Amazonas, na qual sua origem e tradição se hibridam, estabelecendo-se um referencial de etnicidade que está relacionado à identidade daquele grupo referenciado em Freguesia. Segundo Pollak (1992, p. 204) ressaltou que “a **memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade**, tanto individual como coletiva, [...] **fator extremamente importante do sentimento de continuidade**. [*grifos nossos*]

Em uma das nossas práticas etnográficas realizadas entre os dias 16 a 27 de dezembro de 2016 observamos que ainda na madrugada do dia 16 de dezembro, por volta das 04h00min da madrugada fogos de artifício dão início a alvorada e a mais uma semana de festividade na comunidade de Freguesia do Andirá, tudo organizado pela AMFA. Em um palco em frente da praça da igreja é realizada a alvorada e as atrações durante os dias de festa. Nesse mesmo dia acontece também o Círio, realizado por uma multidão, vindo das demais partes do Rio Andirá e cidades próximas como do município de Barreirinha. O círio percorre algumas ruas da comunidade até a chegada à igreja.

Também tem o barracão, onde antes se realizavam as danças e os leilões, hoje usados como lugar de hospitalidade para as pessoas que vêm de outros lugares para participar da festa. Esses movimentos foram transferidos para outros locais, considerados mais amplos. Nos leilões decorre tudo conforme a associação em um dos barracões próximo a igreja, mas sem os tradicionais apregoadores de produtos e de preços, diferente de como acontecia em alguns anos atrás. Como ressaltou Sr. Paulo Pereira de Souza “*acabou aquela parte de leilão que era apregoadado pelos apregoadores. Hoje não. O leilão é feito e cada qual vai lá à mesa comprar.*”¹⁵

A partir do dia 21 de dezembro, marujos acoplam na terra, pelos lados e na frente da igreja, algumas varas compridas para prender os adereços, bandeiras e enfeites. Também sócios e comunitários em geral ornamentam o redor e dentro da igreja e o barracão dos marujos e o barracão do leilão. No dia 24 de dezembro é realizado o

¹⁴MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

¹⁵PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

donativo¹⁶ pela manhã na comunidade, recebem o que os moradores lhes dão como oferenda, a exemplo de dinheiro, bebidas, frutas, animais etc. Todas essas oferendas servem para compor os leilões e as ornamentações dos mastros. Logo à frente está a rainha e o promesseiro (a), que leva a imagem do Santo Benedito e junto ao seu corpo uma toalha cobrindo desde o ombro abaixo, onde o santo é levado. Atrás desses personagens vêm os outros integrantes como a marujada e os foliões¹⁷. Uma cerimônia religiosa que se repete ao longo de muitos anos como afirma dona Maria Batalha “*era os promesseiros que levava, a rainha vem junto*”¹⁸. Tais estruturas festeiras são também descritas em estudos como Funes (1995), Galvão (1976).

Assim como em Freguesia na festa da AMFA, essas andanças com a imagem também eram realizados em outras partes da Amazônia, como nas ramadas no Pacoval, onde segundo Funes (1995, p.349) “ao sair da igreja, a imagem do São Benedito é levada, geralmente, pela rainha ou por um pagador de promessa, tendo o ombro e o braço, na qual apóia-se a imagem, cobertos por uma toalha branca”. Tais questões ligam as manifestações do Andirá aos modos das existências Afro-Amazônicas e do catolicismo popular. Uma das marcas da Amazônia, resistida por seus conservadores que através das danças e cantorias expressam suas culturas, presentes em inúmeras partes da Amazônia, como em Bragança/Pará, no Amazonas Barreirinha se destaca. Apresenta essa manifestação, tanto no Paraná do Ramos (Pedras) e Andirá (Freguesia do Andirá, Ariaú, Seringal/Área Indígena).

Para os marujos que ainda viveram aquela ancestralidade da tradição da marujada de Freguesia do Andirá, a festa passou por muitas mudanças, na qual, é de difícil voltar. Conforme os relatos do marujo Manoel Euclides Reis “*pra fazer uma mudança dessas, voltar pra que era. Têm que ter aquele compromisso, aquela responsabilidade é muito difícil. Mais depende de criar-se uma diretoria certa.*”¹⁹[grifos nossos]. A insatisfação de um dos brincantes da marujada no que se refere à insensatez das administrações para com aquele grupo. Porém, paulatinamente a AMFA continua a dar seqüência em muitos costumes como “a entrada do santo”, onde outros marujos mostram a receptividade à imagem do santo e aos marujos vindos de

¹⁶Arrecadação de produtos em geral.

¹⁷“Uma vez que o indivíduo assume voluntariamente, ou por voto de seus pais, a obrigação de tocar na “folia” e dela participar como membro permanente, não pode eximir-se ao compromisso.” Galvão (1976, p. 42).

¹⁸MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

¹⁹MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

outras comunidades onde realizavam os donativos. A “entrada do santo” acontecia durante os dias festivos na festa do São Benedito, como podemos ver nos relatos do Sr. Rozildo Ferreira da Silva:

[...] aquela lembranças daquilo que se passou e a gente tá tentando voltar, como bem **a entrada do santo ano passado**, se Deus quiser vamos tentar **voltar o que era na canoa o remador só mesmo os foliões fazem a meia lua cantando pra fazer a entrada do dia 23**. Então aí que os marujos **vão encontrar lá na beirada pra trazer pra igreja**.²⁰

Dentre outros costumes da tradição da marujada como acabamos de ver no relato anterior, o “levantamento do mastro”²¹ com diversos produtos adquiridos nos donativos é posto em frente da igreja, o que antes se realizava de acordo com Manoel Euclides Reis “*todos ajudavam, cada uma das irmandades traziam alguma coisa pro mastro. Tinha muita fruta*”²². O que também continua, mesmo havendo transformações nos costumes da marujada. É relevante ressaltar que o mastro além de ornamentado e fixado, também tem uma representação simbólica, pois serve para a Rainha disciplinar os marujos, caso desrespeitarem as regras da marujada durante os dias festivos. Conforme Sr. Rozildo Ferreira da Silva, “*quando a rainha acha um erro, ela vai lá e corrige amarrando no toco. Só que não ficam mais amarrados no toco. Ele fica no toco do mastro ou então no toco do esteio, no meio da roda e fica lá cumprindo a penitência*”²³. Assim como na marujada em Freguesia do Andirá, esses costumes estão presentes na festa do São Benedito da Praça 14, em Manaus, segundo Silva (2011, p. 177):

o início dos festejos começa com o “levantamento do mastro”, que, segundo dizem, significa “a ligação entre o céu e a terra”. Trata-se de um tronco de árvore de aproximadamente 11 metros de altura, extraída da mata alguns dias antes da festa. Antes de ser levantado o mastro, em frente à casa de um dos festeiros mais antigos [...] os organizadores do evento se ocupam em enfeitá-lo, com folhagens e frutas verdes, e no cume colocam uma bandeira com São Benedito estampado.

²⁰ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am

²¹Tronco de árvore, com aproximadamente 7 metros de altura, ornamentado com frutas, bebidas entre outros produtos até o topo, onde há uma bandeira com a imagem do santo estampada e uma quantia em dinheiro.

²²MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

²³ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

As ladainhas²⁴ são realizadas pelos foliões e marujada, o uso dos instrumentos é indispensável, pois fazem parte dessa tradição desde os primórdios. Em duas filas, devotos e promesseiros cumprimentam sob o altar da igreja a imagem do santo São Benedito e beijam suas fitas de diversas cores. Galvão (1976, p. 31) ressalta que:

Existe um padrão de atitudes e de relação para com os santos que se define sob a legenda de respeito. Compreende as festas realizadas na ocasião devida, o cumprimento de promessas, as ladainhas e novenas, e atos como benzer-se diante da imagem, [...] **a relação entre indivíduo e o santo baseia-se num contrato mútuo, a promessa.** [*grifos nossos*]

Pode-se dizer que essa relação está entrelaçada junto aos sujeitos brincantes da marujada da Freguesia. Assim sendo, muitos dos “sócios” da então “AMFA”, eram integrantes da irmandade, haja vista o “contrato mútuo” se baseia nas promessas, pois muitos que estão ali se relacionam com o Santo, através das promessas. Dessa forma, as danças são fundamentais nas tradições de raiz africana na Amazônia, e assim se faz na marujada de Freguesia. Como de costume, após a programação religiosa, a marujada se dirige para o seu barracão para fazer suas performances através das danças e cantorias²⁵, demonstrando seus valores e costumes. Segundo Rozildo Ferreira da Silva:

[...] os foliões dentro da marujada **recebe ordem do capitão e do presidente.** Quando os marujos estão brincando, os marujos param de brincar ele diz assim: - “liberdade rapaziada olha pau-furado”. Então quer dizer que eles já têm que ir pegar seus **instrumentos**. Se for caixeiro ele vai pegar a caixa, quem toca o maracá ele tem que pegar o maracá, quem vai bater o gambá ele tem que sentar pra bater o gambá.²⁶ [*grifos nossos*]

A marujada funciona de forma hierarquizada, de acordo com o relato os maiores cargos são capitão e de presidente. Como já vimos, os instrumentos são primordiais dentro da marujada, assim como os instrumentos típicos usados nas ramadas no Pacoval, como ressaltam Funes (1995, p. 340) “tocavam flauta, tinha banjo, caixa, pandeiro, cavaquinho, bumbo e rebeca, eles mesmo faziam seus instrumentos. Também conheciam e fabricavam a marimba, o gambá e a onça.” É válido ressaltar a estreita ligação dos brincantes com a natureza, pois os instrumentos utilizados são feitos com elementos tirados da natureza como bambú, pele de cobra, e couro de outros animais. Esses instrumentos são feitos pelos próprios marujos e foliões, costume que ainda

²⁴Rezas em latim realizadas pelos foliões e marujos.

²⁵Para essas cantorias ver. CARNEIRO (2016)

²⁶ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

perdura nos dias de hoje dentro da festa. Percebe-se a continuação no uso desses instrumentos como caixa, maracá, gambá, apresentados na Marujada da Freguesia. Conforme Antonacci (2013, p.67)

Povos e grupos sociais, forjados em tradições orais, constituem-se em cosmologia centrada em interações **cultura/natureza** e que linguagem orais **desenvolvem uma gama de gestos, mímicas, vocalidade, concepções e disposições corporais, neste ensaio recortamos cantorias, ritmos, rituais e atitudes religiosas que ganham sentido entre grupos populares.** [...] Seus depoimentos e *performances* possibilitam **pensar na historicidade** de incorporações relacionadas a crença e imaginário, **simbologias de santos, cantos e textos bíblicos de catolicismo popular.** [*grifos nossos*]

Um dos eventos que também acontece todos os anos é a *missa do galo*²⁷. Todos os anos no dia 24 para o dia 25 de dezembro como ressaltam o Sr. Rozildo Ferreira da Silva “*começa 11 horas e é feita lá mesmo dentro da igreja. Quem quiser participar é só se reunir e ir lá apreciar*”²⁸. Como consta na programação é realizada a procissão pelas ruas do Distrito de Freguesia com a imagem do Menino Jesus no dia 25 (natal). É relevante ressaltar nas festas populares, na Amazônia, desde muito tempo a unicidade de elementos sagrados e os considerados profanos. Sobre isso Galvão (1976, p. 30) ressalta:

Nas festas como nas organizações das irmandades, **elementos sagrados e profanos se misturam.** Deus e Cristo recebem cultos e reverencia, porém são considerados demasiado remotas a devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos. Como símbolos de culto religioso essa imagens, ou simples cromos, **têm lugar de maior proeminência que a cruz. Alguns desses santos representados pelas imagens locais, são considerados patronos ou advogados de profissão.** [*grifos nossos*]

No dia 26 de dezembro, sempre a partir das 16h00min, ao saírem da igreja para realizar a procissão fluvial no Rio Andirá, é tradicional os marujos formarem dois cordões, e sua roupa principal: camisas compridas e calças brancas como nos informa Sr. Rozildo Ferreira da Silva “*a roupa principal é a roupa branca, porque é do marinheiro, e a pala vermelha*”²⁹. Além da roupa principal existe outra: camisas azuis, e calças brancas. Na frente dos cordões vão as rainhas de promessa e a principal, logo atrás a marujada com o andor e a imagem do santo São Benedito, levado por

²⁷Celebração ao nascimento do menino Jesus.

²⁸ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

²⁹ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

promesseiros e devotos que acompanham a procissão fluvial. É válido analisar o papel da mulher não só como rainhas, mas sua inserção também no cordão da marujada³⁰, a partir do relato do capitão dos Marujos Rosildo Ferreira da Silva, em entrevista explica que *“foi uma promessa que ela fez. Ela quase quebra o braço aqui o “toco” do braço. E fez uma promessa que se ela melhorasse, com a ajuda de Deus e do Santo, ela ia pagar essa promessa lá. E ela pagou!”*³¹.

Apenas os foliões e promesseiros, que para Galvão (1976, p.30) “o indivíduo pede ao santo pela cura de uma doença que o aflige ou a alguém da família, por uma boa colheita, etc.”, embarcam em um dos barcos ancorados as margens do Rio Andirá do Distrito de Freguesia, com a imagem do santo à frente. Apenas os foliões têm como autoridade e responsabilidade, manusear cada instrumento e as bandeiras. Dessa forma, percorrem juntamente em outras embarcações, pela frente do Distrito da Freguesia enquanto os foliões tocam seus instrumentos, como o tradicional gambá. O Sr. Rozildo Ferreira da Silva afirma que *“só os foliões. Outra pessoa num pode por que ele num sabe nem como é que vão cantar. Ele num vai saber pegar a primeira, a segunda voz, ainda tem quem faz o baixo”*.³²[grifos nossos]

Conforme o relato anterior as canções apresentam diferentes tonalidades de vozes, por isso é permitidos levar os instrumentos apenas os foliões que são experientes em seu manuseio e que saibam as canções. Ao Término da procissão fluvial, dá-se início a procissão terrestre, entre dois cordões da marujada está à rainha, em seguida andor e nele duas fitas presas, trazendo a imagem do santo³³, que servem para os pagadores de promessas estabelecerem seus compromissos de fé. Durante o trajeto, já próximo a igreja do santo os marujos param, cantam e tocam seus instrumentos como tamborinho e maracá. Dessa forma, se dirigem até a frente da igreja do santo, aonde os foliões rezam as ladainhas, em seguida sobre danças e ritmos diversos envolvem as pastorinhas, que em forma de disputa se apresentam no mesmo local. Conforme o Sr. Rozildo Ferreira da Silva *“as pastorinhas cantam primeiro. Depois os marujos vão*

³⁰Ver anexo 01. Presença da mulher no cordão na marujada da Freguesia.

³¹ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

³²ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

³³Ver anexo 02.

cantar pra elas, pra ver a disputa. Quando o contramestre não marca [erra], e quando também são vividas, elas nunca ficam na roda. Depois a gente se junta e vai brincar.”³⁴

Na tarde do dia 27, se dá início ao fim da festa da marujada da Freguesia com a tradicional “derribada do mastro”, porém há um mastro principal que não é cortado e também não é acoplado na terra assim como os outros, isso por conta de ele ser leiloadado. Sendo assim, apenas o dono tem direito, para que no ano seguinte será responsável para ornamentá-lo com produtos, mas o que está sendo leiloadado são apenas os produtos. Há também a festa da varrição, é o momento em que os sujeitos, sem a supervisão do capitão, rainha ou da presidência, onde as múltiplas expressões, profanas inclusive têm seu espaço, haja vista nada mais é proibido, quando saem de casa em casa, onde são surpreendidos com, segundo Sr. Manoel Euclides Reis “*a mulherada se prepara com o pó de mandioca, quando num é o pó de mandioca, era tisna*”³⁵, *caboclo entrava pela frente e saía pela cozinha*”.³⁶ [grifos nossos]. Ainda sobre essa mesma questão são destacados nos relatos abaixo:

[...] termina com o mastro derribado que **essa é a tradição do povo**. Mas tem um mastro que não é cortado, **se você quiser, você arremata e ninguém mexe**. Os outros, se tiver 2 ou 3, todos eles tem que ser derribado, agora o principal né num é derribado, **você da pra quem você quiser**. E dia 27 é a festa da **varrição, é o final da brincadeira**.³⁷ [grifos nossos]

[...] o que as pessoas têm por ali **vão levando**, quando o dono da cassa tem tapioca ou **polvilho jogam na cabeça dele e vai branco** (risos). Nessa varrição eles andam de casa em casa, quando e **anoite eles vão fazer a festa deles do marujo** (risos).³⁸ [grifo nossos]

Com a “derribada do mastro”, aquele que ao pegar a bandeira após o mastro ser cortado será o “juiz de mastro” na marujada da Freguesia. De acordo com os relatos da Sra. Maria Batalha “*eu tenho uma neta aqui que é juiz do mastro. Mas ela num findou [...] eles dão os preparo do mastro botam açúcar, café. Muitas vezes até dinheiro na bandeira, aquele que pegar a bandeira já vai ser festeiro do próximo ano*”³⁹. Finalizando com um ciclo festivo da marujada da Freguesia. Portanto é relevante ressaltar como nos interiores da Amazônia, como verificamos a existência em outros

³⁴ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

³⁵De forno a lenha ou de carvão.

³⁶MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am

³⁷ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

³⁸MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

³⁹MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

lugares, especificamente Freguesia do Andirá, mantém a relação com os costumes e modos descendentes da cultura negra.

MARUJADA II: Passados presentes, olhares para além da associação.

O surgimento da marujada em Freguesia do Andirá procede contornado de interrogações devido não saber-se a data precisa, destacando as entrevistas realizadas para Associação dos Marujos da Freguesia do Andirá (AMFA) com moradores da comunidade com pessoas de 80 e 90. Dentre essa é por volta dos anos 60 do século XIX, “Arnoldo Pereira”, depois de uma longa viagem, chega com a imagem de Santo São Benedito. Como analisaremos no histórico da festa registrada Associação dos Marujos do ano de 2015:

Probabilidade mais exata que podemos informar é a data do ano de 1863, ano que a imagem do Santo Negro, “São Bendito”, chega ao Distrito de Freguesia, Antiga **Missão do Andirá**, vindo da cidade de Belém do Pará, trazida pelo Senhor “Arnoldo Pereira”, onde o mesmo recebeu autorização do Cacique Tribal o índio Crispim de Leão, para alocar a imagem do Santo na **Capela de Nossa Senhora de Belém**, padroeira do lugar festejada; na data de 03 de julho. Pelo fato de ser comemorada a festa do natal no dia 25 de dezembro data de nascimento do menino deus. No ano de 1864, na data do dia 26 de dezembro do mesmo ano, foi criada a festa de São Benedito com a sua marujada, no período do dia 16 até o dia 26 de dezembro. [*grifos nossos*]

Como percebe-se na citação acima que o lugar de chegada foi a antiga Missão do Andirá, um projeto de colonização na qual cristianizar era um dos caracteres do papel da igreja para com os nativos. E onde fora colocado a imagem de santo São Benedito, na “*Capela de Nossa Senhora de Belém*”, com isso conjecturamos que os sujeitos já veneravam uma Imagem Sagrada. Frente aos projetos das Missões no Norte do País, destacando a Antiga Missão do Andirá – atualmente Freguesia do Andirá – a marujada deteve um longo processo de resistência devido suas manifestações. Conforme Campos (s/d, p. 114-115) trata que – as missões:

Tais movimentos constituem a base da evangelização a Prelazia, tendo como missão substituir as lideranças leigas do catolicismo popular, transformando as festas em festas somente religiosas proibindo danças e substituindo os organizadores por membros dos movimentos então fundados. Mais tarde vai surgirem daí comunidades rurais alinhadas com a romanização. Mesmo tendo fortes reações por parte dos antigos membros do catolicismo popular, este sistema romanizado conseguiu se impor, devido a constante presença dos missionários, assim como muitos líderes foram integrados nos movimentos em ascensão.

Em diálogos com textos de outros pesquisadores ao fazerem entrevista sobre essa questão percebemos nos relatos dos entrevistados que reforçam tais suposições da data e quem trouxe a Imagem do São Benedito para Freguesia do Andirá. Ainda que por sua vez, quem trouxe trabalhava em embarcações na região do Pará. Como ressalta o Sr. Pereira (Apud Santos, 2016, p. 14):

O São Benedito, ele ficou como padroeiro da festa dos marujos e foi doado pelo um senhor que era o meu avô Arnaldo, ele não era filho de Freguesia, **ele trabalhava num navio aí pro Pará pra Belém, e chegou aqui em 1909** e ele trouxe o São Benedito. Com os tempos ele falou com a minha vó Selvina, e disse que ele ia doar o São Benedito em homenagem aos marujos, tinha a festa dos marujos, mas não tinha nenhum padroeiro só era nossa Senhora de Belém. *[grifos nossos]*

De acordo com o relato anterior, supomos que desde então começou a relação entre marujada e a imagem do Santo Benedito na então Freguesia do Andirá. É relevante ressaltar, a disputa que há entre as memórias formalizadas, ou seja, os documentos da Associação dos Marujos da Freguesia do Andirá com as memórias dos sujeitos. Como ressalta Pollack (1992, p. 204) “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que **a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.** *[grifos nossos]*

Conforme Santos (2016) nos relatos do senhor Paulo Pereira de Souza (74 anos em 2016), morador da comunidade, é perceptível os embates quanto ao início da oficialização da tradição que atravessa há mais de um século no Amazonas, a festa em homenagem a imagem de São Benedito na Freguesia do Andirá, trazida do Pará. Junto a essa variante podemos identificar a identidade e importância que cada sujeito tem para com a festa. Como ressalta Pollack (1989, p. 05):

Ele remete igualmente aos riscos inerentes a essa revisão, na medida em que os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que caem os tabus conservados pela memória oficial anterior. (...) Apesar da importante doutrinação ideológica, **essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas.** *[grifos nossos]*

Percebe-se que a marujada da Freguesia é formada por pessoas leigas que por décadas transmitiram através da oralidade seus conhecimentos acerca dos costumes e modos na festa da marujada da Freguesia, que perduram até os dias atuais. Sendo fundamental para esse processo de construção de identidade daquele local.

Espaços, práticas e costumes que configuram a festa.

O donativo é um dos costumes que se faz presente na tradição da marujada, também desde os primórdios de sua história, conforme vimos nos relatos dos marujos e documentos da associação. Passando de comunidade em comunidade, a marujada e irmandades recebiam segundo contam os brincantes, produtos e objetos o que os devotos e promesseiros doavam, na qual servia para os próprios e até mesmo para o leilão. É o que nos informa Sr. Rozildo Ferreira da Silva “*todos os dias 12 de dezembro o santo saía pra tirar donativo, quando fosse dia 23, 3 horas da tarde era a chegada dele*”⁴⁰. Como era um dos únicos meios de transporte desses sujeitos nesse período, a canoa tornava fundamental para condução dos produtos arrecadados no donativo como dos próprios sujeitos. Conforme veremos nos relatos do Sr. Manoel Euclides Reis:

Naquele tempo o São Benedito **andavam em canoa** [...] **eram meses que andavam “caboco”, não eram assim não um dia, dois não. Andávamos pelo ramos, pra baixo, ganhávamos muita coisa pelas comunidades. Enchia a canoa de porco, galinha, e fruta, tudo, naquele tempo tinha muito, banana, farinha, e nós vínhamos, depois nós voltava de novo. Depois que passaram a andar de motor melhorou, nós vínhamos só de uma vez, ganhava muita coisa, ganhava gado, galinha. Quando era tempo de festa do São Benedito, aquele ponto do FELIZ, aquilo lá era boi de todo tamanho, pessoal doava, naquele tempo matavam pra dá pro marujo no almoço, na janta.**⁴¹[*grifos nossos*]

Ao se relacionar com o tempo, o sujeito traz através de sua lembrança como era realizado o donativo, o que nos dias atuais não mais acontece. Ficando na dependência da administração do município de Barreirinha os recursos para realização de suas práticas culturais. Percebe-se quão abrangente tornou-se a manifestação da marujada da Freguesia, de acordo com os relatos. A canoa posteriormente daria lugar a outras embarcações maiores como barcos de grande porte para que coubessem todos, facilitando a condução dos produtos arrecadados. Conforme vimos e afirma a Sr^a. Maria Batalha “*nós íamos para Barreira do Andirá, Cristo, Canarinho, Acurucáua, Lago Grande, Barreirinha, Matupirí, Açú, andávamos com o santo, e tirava donativo. [...] dinheiro, dava até quinhentos, mil reais.*”⁴²[*grifos nossos*]. Essas andanças eram feitas

⁴⁰ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁴¹MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁴²MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

pela marujada pelas comunidades vizinhas onde realizavam os donativos. Com esses produtos arrecadados se realizava a festa da Marujada da Freguesia do Andirá, do período de 16 a 26 de dezembro.

Promessas

As graças obtidas do santo não eram retribuídas apenas nas doações de devotos promesseiros ao donativo, mas também nos almoços oferecidos para todos em forma de gratidão. Segundo o Capitão dos marujos Sr. Rozildo Ferreira da Silva “*quem dava 23 num dava dia 24, já o outro que dava.*”⁴³. Assim como na marujada de freguesia esses costumes aconteciam nas Ramadas no Pacoval, segundo Funes (1995, p.351) “**faz parte da celebração o almoço, geralmente oferecido por um pagador de promessa, por uma graça alcançada por intermédio de São Benedito.**” [grifos nossos]. As promessas, marujada e a devoção ao santo preto caminham juntas na marujada da Freguesia. No entanto, a promessa é cumprida em forma de agradecimento às bênçãos e proteção que receberam durante o ano, também por meio da participação do sujeito nas danças e recursos doados. A marujada passam a fazer parte da vida do Sr. Manoel Euclides Reis, a partir de uma promessa feita por sua mãe a São Benedito da Freguesia do Andirá, “*entendo marujo desde os meus 18 anos, uma promessa que minha mãe fez, foi uma queimadura que eu caí no queimador. Então fez a promessa, que se ficasse bom, eu brincava marujo. E aí eu passei a brincar marujo.*”⁴⁴ [grifos nossos]

Não só em Freguesia se constrói essas ligações entre promessas e marujos, assim como também em outras festas no Brasil como nas danças do Marambiré do Pacoval (Pará), na qual se realizava através desses quesitos por muito tempo, dessa forma e percebemos as semelhanças com a festa dos marujos. Como afirma Funes (1995, p. 343) “Se tinha uma pessoa em **dificuldade de doenças, fosse uma criança, fazia-se a promessa com São Benedito.** [...] fazia o pedido, se alcançasse a graça a pessoa tinha, ou tem, que **dançar no cordão durante o tempo que fosse vivo.**” [grifos nossos]

No entanto, existem marujos que entram nessa “brincadeira” por influências dos seus pais, tornando-se marujos desde então, assim passavam a participar diretamente das danças e cantorias que há nessa festa, na qual se percebe que é passado de geração para geração. Funes (1995, p.334), ressalta como as pessoas mais idosas detêm o respeito sobre os seus sujeitos num determinado grupo, sendo assim “memória social, a

⁴³ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁴⁴MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

figura detentora do poder são os idosos, o avô, o bisavô, homem de respeito”, fenômeno observado na vida do marujo do Sr. José Raimundo Salgado. Quando em uma de suas idas para Freguesia, devido na época ter uma grande enchente na região, onde por um tempo morou na cabeceira do Itapecurú (Freguesia do Andirá). Quando sua mãe pede para que o filho seja brincante da marujada da Freguesia, desde então é integrante daquele grupo afirmando que *“eu e a mamãe fomos ver a brincadeira do marujo. Ela achou bonito e queria que eu brincasse o marujo. Prepararam as roupas, e brinquei marujo.”*⁴⁵ [grifos nossos]. E também no sentido de se identificar como tal, como ressalta o Sr. Rozildo Ferreira da Silva. Onde afirmam que:

[...] **quando comecei a brincar o marujo, eu tinha 17 anos.** Acordei era umas três horas da madrugada, eles estavam aí no **barracão da tia Bonifácia**, e o galo tava cantando e eu foi pra lá. **E fiquei assim na cerca olhando pra eles e a camisa chega estava suada de suor e eles brincando, e era só “velhada” mesmo e bom de voz.** Chamei ele [pai] pra dizer que tinha vontade de brincar o marujo, e ele disse me: - Tu tem vontade de brincar o marujo?. - Eu tenho. - **Então tu vai ficar no meu lugar**, tu vai ficar aqui atrás do contramestre. Brinquei atrás do contramestre que era o Chinã na época, escutava tudo o que o capitão cantava e colocava aqui na cabeça.⁴⁶ [grifos nossos]

É relevante ressaltar não só como começou a relação destes sujeitos para com a marujada, mas como também a existência dos centros de encontro para realização das danças. Além disso, os barracões também sempre foram úteis para os momentos de alimentação como ressaltamos anteriormente.

Relações com as demais comunidades

As análises das memórias nos contam que eram pelos dias festivos de dezembro que os moradores de comunidades próximas iam participar da festa do São Benedito. Supomos que quando a imagem do santo e a marujada, ao passar pelas comunidades realizando donativos, também aproveitavam para divulgar a festa. Devido não haver outro meio de transporte as canoas à remo tornavam seus principais meios de condução, ou até mesmo andando – pela praia – devido à proximidade. Foi com a canoa que Sr Manoel Euclides Reis e família atravessavam o rio Andirá para ir a festa. Onde ressalta que *“Quando saíamos daqui [Vila Ipiranga] pra ir à festa do São Benedito, nós íamos com minha avó, nós saía dia 23. Levava na canoa grande, na “pátria amada” [ir*

⁴⁵JOSÉ RAIMUNDO SALGADO. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁴⁶ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

remando]”.⁴⁷[grifos nossos]. A festa da marujada da Freguesia acrescenta-se como um evento que mantivera uma estreita relação entre comunidades circunvizinhas, lembrando que muitos dos marujos residem em comunidades diferentes do Andirá, conforme acabamos de ver.

Procissão

Devido ser um dos únicos meios de transporte dessa época as canoas eram utilizadas pelos marujos, tanto em suas idas à comunidade para brincar, quanto para conduzir a imagem de São Benedito com os foliões na procissão fluvial em frente ao atual Distrito da Freguesia, no Rio Andirá, dia 26 de dezembro, onde apenas os “***foliões iam. Tinha quem cantava, batesse o gambá, cheque-cheque, e o caracaxá, a folia era bonita.***”⁴⁸[grifos nossos]. As procissões e os cultos eram organizados pelas irmandades, momentos em que promesseiros e devotos se manifestavam para expressarem sua fé e agradecerem as graças concedidas pelo do Santo. Segundo Galvão (1976, p. 35):

O culto do santo padroeiro e dos santos de devoção é organizado e dirigido pelas irmandades [...] caracterizam-se porém, por completa autonomia das autoridades eclesiais que, aliás, consideram-nas profanas, e por não possuírem objetivos de benevolência [...] os festivais que realizam para cultivar o santo, e que incluem além das rezas, baile e comedoria, são objetos de crítica severa dos sacerdotes.

As irmandades eram identificadas com vestimentas brancas com o símbolo do sagrado coração de Jesus, fixado em seu peito como identificação, tendo como função de organizar a marujada nos dias de festa. Mas em outros momentos realizam as mesmas práticas, conforme citamos anteriormente na festa da varrição. Com a criação da AMFA daria lugar ao outro símbolo de identificação⁴⁹. Nesse contexto, Manoel Euclides Reis afirma que “***cada um andava com um sinal no peito, já sabiam que aquilo era irmandade, naquele tempo na Freguesia se você saísse do cordão as irmandades estavam em cima.***”⁵⁰[grifos nossos]

É relevante ressaltar, que entre os quais motivos que levaram ao surgimento da “AMFA”, conforme citamos anteriormente foram às intervenções da igreja diante da festa. De acordo com o relato o que identificava as irmandades estaria no símbolo fixado em sua roupa usada nos dias de festa. Com isso, os impasses trazidos pela igreja

⁴⁷MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

⁴⁸MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

⁴⁹Ver anexo 03. Identificação dos sócios.

⁵⁰MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

tratam, também, pelo fato da marujada manifestar suas práticas consideradas, pela igreja como profanas. Um exemplo que podemos citar é a ingestão de bebidas fermentadas nos dias de festa, como o “*tarubá que era feita da mandioca*”⁵¹, e o caju e seu processo de produção, “*caju ele pega tirava, exprimia no tipiti até tirar aquela calda, fervia e botava no garrafão. Olha aquele caju “caboco” dava uma pressão na cabeça. E ele levava pra lá e repartia com a turma*”⁵², o que para romanização era considerado profano. Entre outros motivos levaram a igreja a intervir.

“Comer, beber, dançar”

Conforme ressaltamos anteriormente, os promesseiros devotos construía barracões próximos de suas residências para momentos de reunião onde ocorria o que eles chamam de “comes e bebes” e após aconteciam às performances de danças e cantorias que tornava aquele ambiente alegre e harmonioso para aquelas pessoas. Assim percebemos a partir da memória do Sr. José Raimundo Salgado que a danças nos barracões eram realizadas de “*dia e noite. Quando tivesse almoçando, pessoal tava dançando, terminava de comer o pau surrava.*”⁵³ Segundo Sr. Rozildo Ferreira da Silva:

Quando estavam almoçando a festa *tava* funcionando. Tinha beiju, farinha tapioca, biscoito, café. Mesas grandes enchiam dessas coisas [...]. Onde o Jaçanã mora, lá tinha um barracão grande da finada Benedita Souza, outro aqui na Lourença, onde é a igreja [Adventista do Sétimo Dia] da dona Jane, e outro barracão onde é lojinha da Dinei da finada Maria Beltrão. **Aqueles que iam dá café faziam o barracão dele, aquele que ia dá o almoço ele fazia um barracãozinho. Tudo por aí tinha ia esses tipos de alimentação, café, as festas de gambá.** Quem dava era os promesseiros. Eles faziam esse tipo de promessa e eles se doavam e faziam aquelas coisas toda e o pessoal ia pra lá comiam bebiam, dançavam.⁵⁴

Ambientes como estes se encontram no Pacoval/PA, como resalta Funes (1995, p.338) “uma grande palhoça, aberta por todos os lados com o piso em chão batido, totalmente plano. É a sala de dança indispensável a uma comunidade negra.” Em Freguesia, nos barracões aconteciam também as danças da marujada, com seus bailados, onde quem desobedecesse ao capitão ou as irmandades, pagavam penitência no tronco

⁵¹PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁵²MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

⁵³JOSÉ RAIMUNDO SALGADO. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

⁵⁴ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

do pau amarrados com uma fita vermelha pela rainha. Conforme veremos nos relatos a seguir:

nessa época **tinha a penitência**. Tinha um toco, se o capitão pegasse um marujo, numa taberna ou então porre, pegava ele e levava pra cima daquele toco cumprir a penitencia, até **passar a cachaça, com aquela fita amarrada** [...]. Então, desse tempo prá cá do **capitão Norato e Anísio Bastos** acontecia essas coisas, já **do finado Benicio pra cá que já não tive mais essa penitência**.⁵⁵*[grifos nossos]*
eles me tiravam pra guarnecer por onde estavam bebendo né! Agarrava fita e ia embora procurar. Se tivesse bebendo eu ia levava de lá. Se o padroeiro que é o padroeiro, ele é marujo também, amarrei no toco do mastro, com um dos braços amarrado no toco do mastro, o outro estava comendo, era assim com todo marujo.⁵⁶*[grifos nossos]*
 [...] desde o início tinha a rainha e tinha as irmandades às mulheres. **Quando acontecia uma parte de um fracasso de desrespeito**, no caso a bebida, ou outra coisa, quem ia lá era realmente era a rainha. [...] amarrava num toco dum pau com fitas vermelhas. Isso é um caso de penitencia.⁵⁷*[grifos nossos]*

Outra função realizada pelas irmandades e rainhas relatada na marujada da Freguesia está como fiscalizar e coibir seus atos inconvenientes nos dias de festa, como a *penitência*. De acordo com Galvão (1976) as irmandades caracterizam-se com certa autonomia diante de sua função. Danças como a onça te pega e o lundu também se realizavam nesses barracões, manifestada na festa do São Benedito, onde Sr. Rozildo Ferreira da Silva ressalta que *“tinha a tia dela, a finada Pedra dançava muito bem o lundu e a onça te pega, e a dona Marina Souza, a Francisquinha e a irmã dela, [...] e ficou só eu e a Francisquinha.”*⁵⁸. Percebe-se que manifestações negras resistem desde o período colonial e estão entrelaçadas nas danças, como o lundu. Vindo de herança negra o lundu espalhou-se pelo Brasil, chegando até o Andirá/Am. Manifestação encontrada na marujada da Freguesia como ressaltamos através da memória de um integrante. Para Salles, (2013, p. 75):

A herança negra está manifestada basicamente nos batuques e sambas, lundus e carimbós, danças de terreiros, ou se manifesta poderosamente nos outros e cortejos, como no boi-bumbá, marambiré, aiué etc. (...) Irmandade de negros escravos espalharam-se pelo Brasil, do Pará ao Rio Grande do Sul. Juntos

⁵⁵ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁵⁶MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁵⁷PAULO PEREIRA DE SOUZA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁵⁸ROZILDO FERREIRA DA SILVA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

dessas irmandades se abrigaram folguedos da tradição africana, como as congadas, ao lado de outros de tradição ibérica.

Na festa dos marujos bailados como a dança do gambá também eram realizados nos barracões, conforme verificamos nos relatos anteriores. Segundo a Sra. Maria Batalha “*a dança de gambá é ligeiro, é de cansar a perna. Tem quem canta em cima do gambá, tem quem do maracá, tem do caracaxá*”⁵⁹. Também existiam outras danças como a onça te pega que fora manifestada na festa do São Benedito da Freguesia do Andirá. Como aborda o Sr. Manoel Euclides Reis “*na onça te pega a **mulher tem que pegar o cara e levar onde estão batendo gambá. E começa a dançar.***”⁶⁰ [grifos nossos]

Dessa maneira, a marujada da Freguesia manteve por décadas os processos de repetição dessas práticas. Onde o catolicismo popular e a marujada relacionavam-se no mês em que a festa dos marujos em Homenagem a São Benedito se realizava. Mesmo com a imposição da igreja – romanização –, costumes e modos resistiram através da AMFA perdurando até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esta pesquisa nos permitiu analisar as resistências frente às imposições da igreja em transferir a data do mês de dezembro ao mês de outubro em um processo de romanização, diante de suas manifestações, para a igreja, ser consideradas profanas a partir de suas práticas. Com isso, o método da história oral fez-se fundamental para coletarmos os relatos dos sujeitos entrevistados, desde então, passamos a conhecê-los e como suas memórias são fundamentais para compreendermos tais fatos como a resistência de uma cultura de raiz africana. Onde abarca a partir das memórias, os costumes, modos, tradição, onde se torna possível identificar que na Freguesia mantém uma relação interétnica/intercultural, devido às influências de muitas culturas aqui encontrada, como o indígena, africana e européia.

Esta pesquisa deixa evidente como se sucedeu o processo de resistência daquele grupo, em manter seus costumes e suas práticas manifestadas pela marujada dentro da festa, onde homens, mulheres e crianças fazem parte daquela tradição. O que ainda, através da oralidade seus ensinamentos presentes nos cantos e nas danças são repassados de geração a geração.

⁵⁹MARIA BATALHA. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Distrito da Freguesia do Andirá, Barreirinha-Am.

⁶⁰MANOEL EUCLIDES REIS. Entrevista. Realizada no ano de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-Am.

É relevante ressaltar que a festa da marujada da Freguesia através de suas práticas, costumes e modos, relacionam com outras manifestações culturais Afro-Amazônico. Onde o sagrado e o profano se misturam em dias de festa na marujada, tendo articulações para resistir uma cultura que atravessa séculos, tais imposições da igreja, cujo, projeto de romanização, levando então a marujada a formalizar-se como Associação dos Marujos de Freguesia do Andirá (AMFA) como forma de resistência.

Esta pesquisa nos permitiu perceber como as irmandades de uma festa remota se organizavam para realizar suas manifestações, que por muitos anos se realizava nos dias de festa. As articulações com outras comunidades através dos donativos eram fundamentais para a divulgação da festa, tornando a Freguesia um palco de encontros de culturas. Com o passar dos anos, a Freguesia teria duas festas em homenagem a São Benedito, uma abençoada por Roma (outubro), e outra tolerada por Roma (dezembro).

Essas festas na região amazônica, como a da marujada de Freguesia necessitam ser mais estudadas, pois contribuem para a reflexão sobre outros discursos que ao longo do tempo foram construídos sobre o indígena e o negro frente aos projetos de colonização. Mesmo com as imposições da igreja, os marujos resistem e persistem até os dias de hoje manifestando suas práticas na festa da Associação dos Marujos do Distrito da Freguesia do Andirá.

FONTES ORAIS

José Raimundo Salgado. Entrevista. Maio de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-AM.

Manoel Euclides Reis. Entrevista. Maio de 2017. Vila Ipiranga, Barreirinha-AM.

Maria Batalha. Entrevista. Maio de 2017. Freguesia do Andirá, Barreirinha-AM.

Paulo Pereira de Souza. Entrevista. Maio de 2017. Freguesia do Andirá, Barreirinha-AM.

Rozildo Ferreira da Silva. Entrevista. Maio de 2017. Freguesia do Andirá, Barreirinha-AM.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negro** / Maria Antonieta Antonacci. – São Paulo: Educ, 2013.

BARROS, José D'Assunção. A História Social: seus significados e seus caminhos, in. **LPH - Revista de História da UFOP**. n° 15, 2005.

CAMPOS, Pe. Manoel do Carmo. **Reencarnação ou Ressurreição. Uma decisão de fé**. Renold J. Blank- Revista de Cultura Teológica. SP, S/D.

CARNEIRO, Kethlen dos Santos. **As representações da cultura Afro Amazônica nas canções da festa dos Marujos do Distrito de Freguesia do Andirá Barreirinha-AM**, artigo de conclusão de curso em licenciatura em História, Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

CASTRO, Hebe. História Social: o surgimento da história social, in. **Domínios da história: ensaios da teoria e metodologia**/Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). – Rio de Janeiro: Campos, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades, in. **HISTÓRIA ORAL**, 2003.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. **Proj. História**, São Paulo, (10), dez. 1993.

FUNES, Eurípedes A. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**/ organização João José Reis, Flávio dos Santos Gomes. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo Amazonas**. 2. ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio DE Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Intersecções de gênero na festa dos Marujos da Freguesia do Andirá, Barreirinha-AM, artigo de conclusão de curso em licenciatura em História, Universidade do Estado do Amazonas, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.

_____. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ. Minemosine. Vol. 6, nº 2, 2010.

_____. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, 1997.

SALES, Vicente. **Os mocambeiros e outros ensaios** / Vicente Sales; fotografias: IAP, 2013.

SANTOS, Pablina Gomes dos. **CAPITÃO OU RAINHA, quem manda no Andirá?**

SILVA, da Souza Jamily. A festa do São Benedito no bairro da praça 14, In. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia** / Patrícia Melo Sampaio (Organizadora). – Belém: Editora Açaí; CNPq, 2011.

ANEXOS